

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

RAGNARÖK

Grecianny Carvalho Cordeiro

Aquele inverno era o mais rigoroso de todos os que podia se lembrar.

Naquele ano, as estações do ano não se sucederam. Não houve verão, primavera, outono... Apenas o inverno. Um longo e frio inverno.

O Sol fora impedido de brilhar. As estrelas e a Lua, também. Só havia ventania, névoa, chuva, neve, tempestades. O mundo se transformara em um lugar extremamente difícil para se viver. Talvez até, impossível. E, em tempos assim, a terra não fornecia alimentos para que os homens pudessem sobreviver. A fome se instalou e, com fome, os seres humanos se bestializavam e eram capazes de tudo.

– Será esse o fim? – perguntou um jovem rapaz ao avô.

– Esse é apenas o começo do fim.

O jovem estremeceu, não sabia ao certo se de frio ou de temor. Sempre ansiara por lutar sua primeira batalha e sabia que estava prestes a fazê-lo, mas, definitivamente, não pretendia travar justo a batalha final. Preferiria ter enfrentado diversos exércitos inimigos e seguir com honra para o Valhala a ter de experimentar a fúria dos deuses.

– O que virá agora? – quis saber.

– O grande lobo Fenrir se libertará de sua prisão e devorará tudo o que encontrar à sua frente, do céu à terra. A serpente de Midgard, Jörmungund, verterá seu veneno pelos mares, até que nenhum animal ou planta marinha permaneçam vivos. Surt, o gigante do fogo, liderará os cavaleiros de Muspell e descenderá dos céus, espalhando o terror aos mortais com sua espada implacável. Loki conduzirá todos eles, incluindo os gigantes do gelo e as legiões de Hel – os mortos que não tiveram uma morte gloriosa. Heimdall, o guardião dos deuses,

convocará os deuses adormecidos, para que peguem suas armas contra Loki.

O jovem tocou na espada que trazia na cintura, como para se certificar de que estaria pronto para enfrentar inimigos tão poderosos.

– Não se preocupe, meu neto. Você não chegará a empunhar sua espada.

– Como assim?

– Essa batalha será entre os deuses. Você terá um papel muito mais importante. Quando chegar o momento certo, vá e procure abrigo sob a Yggdrasill, a bela Árvore do Mundo.

– Como saberei que o momento chegou?

– Você saberá – assegurou-lhe.

O jovem não compreendeu ao certo as palavras do avô, que se mostrou cansado demais para continuar a conversa.

O mundo se tornara tão catastrófico que, ao que parecia, nenhum ser humano estava destinado a sobreviver. Assustado, ele viu morrer a sua família, os vizinhos e conhecidos, além disso, nenhum animal escapou. Ninguém sobrevivera, exceto ele próprio e sua amiga de toda a vida, desde a infância.

O Ragnarök finalmente começara e, no sombrio campo de batalha, Loki e seu exército lutava vorazmente contra as forças comandadas por Odin, tendo Thor ao seu lado. Um pouco atrás, os Aesir e os Einherjar – os guerreiros que morreram de forma honrada e foram conduzidos pelas Valquírias ao Valhala.

Ele recordou as palavras ditas pelo avô e falou à jovem amiga:

– Precisamos chegar até a Yggdrasill.

– Mas como faremos isso, enquanto os deuses se digladiam ferozmente lá fora? Nós seremos vistos e não seremos poupados.

– Confie em mim.

Ele pegou-a pela mão e, constatando que estavam seguros, deixaram a cabana e seguiram em direção ao lugar onde ficava a Árvore do Mundo, em Midgard.

Foi um longo trajeto, em que tiveram de se esconder dos inúmeros e ferozes guerreiros que travavam a batalha final. Afora isso, tiveram de suportar um frio descomunal e a fome. Após intermináveis dias, o jovem casal finalmente conseguiu alcançar a gigantesca Yggdrasill e se escondeu no interior de seu tronco, onde encontraram água para sua sede, alimento para sua fome e abrigo para o frio.

Após o Ragnarök, cujo tempo de duração foi impossível de mensurar, nada mais restou, nem dos deuses, nem dos monstros, nem dos guerreiros. Era tudo ruínas e destruição sob um céu escuro e sombrio.

Mas não há luz que não vença a escuridão.

Passado algum tempo, o Sol apareceu por entre nuvens e começou a brilhar. A terra floresceu e os campos ficaram verdejantes. Os rios e mares voltaram a correr livremente. As estrelas readquiriram seu brilho no firmamento. A Lua tornou a iluminar a noite.

Sentindo-se seguros, longe do perigo, o jovem casal saiu do interior da Yggdrasill e contemplou maravilhado o ressurgimento do mundo bem diante de seus olhos. Eles sorriram um para o outro e, de mãos dadas, correram pelos campos. Quando exaustos, se deitaram ao Sol, deixando os raios solares aquecerem seus corpos, revitalizando-os, enchendo-os de alegria e de esperança, após um longo e tenebroso inverno.

– A partir de agora, seu nome será Vida – disse ele, fitando-a nos olhos.

– E o seu será Desejo de Viver – disse ela.

TRISTÃO E ISOLDA – UMA LENDA MEDIEVAL³

Grecianny Carvalho Cordeiro

Tristão era filho do rei de Loonois, de nome Rivalen e da rainha Brancaflor. Seu pai morrera em uma batalha contra o Duque Mogen, ao tentar defender seu reino do cruel invasor. Abalada pela morte do marido, a rainha Brancaflor, que estava grávida, tão logo deu a luz ao filho, faleceu. O bebê recebeu o nome de Tristão, em razão de ter nascido em uma triste época, em uma triste circunstância.

Tristão seria criado em segurança pelo fiel escudeiro de seu pai, Rohald, que o ensinou a arte e as regras da cavalaria.

Ainda jovem, Tristão seguiu em diversas aventuras. Viajou até a Noruega, aprendeu técnicas de combate, matou dragões e enfrentou valentes guerreiros. Além de versado na arte da guerra, ele tocava harpa com maestria. Por fim, cansado de suas andanças, resolveu procurar seu tio materno Mark, rei da Cornualha, que não se casara e não tinha filhos, apesar da idade avançada. Tio e sobrinho se afeiçoaram de imediato, o que provocou ciúmes entre os amigos do rei, em especial, por parte daqueles conselheiros de maior influência nas questões relacionadas ao reinado, que passaram a se sentir preteridos em face do intruso parente.

O rei Mark fora convencido pelos nobres conselheiros de que deveria se casar e deixar uma linhagem que o sucederia no trono. O rei precisava de um herdeiro, o quanto antes.

– Meu querido sobrinho, designo você para a tarefa de viajar até a Irlanda e, em meu nome, pedir a mão da princesa Isolda, a Loura, para que eu possa desposá-la.

– O senhor a conhece? Está apaixonado por ela?

3 Readaptação da lenda medieval, que possui diversas variantes.

– Nunca a vi, mas, pelo que ouvi falar, é a mulher mais bela que há na face da Terra. Ela é jovem e seu pai procura um bom pretendente para a filha. Creio que a união de nossos reinos por meio do casamento será bom para ambos.

Tristão fez um momentâneo silêncio e se perguntou por que o próprio tio não iria pedir a mão da noiva pessoalmente, ao que ele explicou, como a ler seus pensamentos:

– Minha idade já não permite essas longas viagens, caro sobrinho, além do mais, não posso deixar o reino da Cornualha sozinho. E como tenho absoluta confiança em você, sei que será exitoso nessa missão.

O jovem e belo cavaleiro assegurou ao tio que faria de tudo para conseguir seu intento. E, já no dia seguinte, estava a bordo de um navio com uma pequena tripulação, rumo ao reino da Irlanda.

À medida em que o barco se aproximava do porto, Tristão sentiu o vento frio açoitando seu rosto e contemplou a bela paisagem irlandesa, com seus rochedos verdejantes.

Quando Tristão e seu fiel escudeiro chegaram ao palácio do rei, foram imediatamente encaminhados à sala do trono, ocasião em que ele se apresentou formalmente como sobrinho e emissário do rei Marcos.

– Será uma honra conceder a mão de minha única e amada filha ao rei Mark.

Tristão pensou se aquele rei realmente amava a filha, entregando-a a um homem que lhe era desconhecido em troca da paz entre os dois reinos e de uma duradoura e lucrativa aliança. Era desse modo que as coisas funcionavam, embora ele não concordasse com tais convenções e regras.

– Mandarei meus guardas levarem-no aos seus aposentos, onde poderá descansar até a hora do jantar, ocasião em que lhe apresentarei a rainha e, também, a minha filha.

Tristão apreciou a ideia, afinal, estava cansado da viagem marítima e o clima frio o deixara levemente resfriado.

À noite, quando conduzido ao salão do jantar, onde uma mesa farta o esperava, Tristão ficou à vontade com a hospitalidade demonstrada pelo simpático rei e por sua rainha.

Quando finalmente adentrou o salão a princesa Isolda, ele olhou-a abismado. Jamais poderia supor que ela fosse tão linda e estonteante. Os cabelos louros e brilhantes como os raios do sol, a pele alva e sem qualquer mancha, os olhos azuis cintilantes. Por uns instantes, ele sentiu faltando o fôlego. Não saberia explicar, mas nunca sentira algo parecido quando diante de uma mulher. Seu coração batia descompassado e não conseguia tirar os olhos da princesa que, para sua grata satisfação, lhe correspondia.

Naquele momento, Tristão e Isolda sentiram que estavam apaixonados um pelo outro.

Ao se recolher aos seus aposentos, pela primeira vez, Tristão se deu conta da desgraça em que caíra. Estava perdido de amor pela futura esposa de seu querido tio Mark. E o pior, cabia-lhe a tarefa de levá-la e entregá-la nas mãos do futuro noivo.

Isolda, por sua vez, padecia de idêntico sofrimento. Estava apaixonada pelo jovem e belo cavaleiro de nome Tristão, embora prometida a outro homem, com quem deveria casar.

Nos dias seguintes, enquanto esperava bons ventos para embarcar de volta à Cornualha, Tristão se aproximou de Isolda, a fim de conhecê-la melhor. E, assim, caminhavam pelos jardins do palácio, cavalgavam juntos pelas terras verdejantes, sentavam-se na relva e conversavam sem parar, conhecendo-se um ao outro, tal qual dois jovens amantes livres e desimpedidos.

Quando estava de partida para a Cornualha, a mãe de Isolda, sabendo da paixão da filha pelo jovem Tristão, percebeu que teria

de intervir para que o casamento com o rei Mark desse certo. Ela procurou a fiel serva da filha, de nome Brangien, e deu-lhe uma importante missão:

– Na noite de núpcias de Isolda e do rei Mark, faça com que os noivos bebam essa poção do amor. Assim, eles ficarão perdidamente apaixonados e serão muito felizes.

A serva escutou as diversas recomendações da rainha, certa de que faria o melhor de si.

Como nem todo planejado segue a rota traçada, durante a viagem de navio rumo à Cornualha, Brangien se confundiu e, durante o jantar, colocou a poção dada pela rainha nas taças de vinho usadas por Tristão e Isolda. Como era de se esperar, o jovem casal sentiu aumentando cada vez mais a paixão que fazia com que se desejassem mutuamente. Era uma sensação irresistível, imponderável, irreversível.

Assim, Tristão e Isolda se entregaram um ao outro com fervor, como se nada nem ninguém pudesse interferir em seu amor ou separá-los.

Ledo engano.

Quando por fim chegaram à Cornualha, contrariado, Tristão teve de entregar Isolda ao tio, que imediatamente por ela se apaixonou. O inevitável aconteceu. O casamento. E foi com o coração despedaçado que Tristão viu sua amada subir ao altar para desposar seu próprio tio.

Isolda também sentia o coração latejando de tanta dor, pois o noivo com que desejava casar era Tristão.

Sem refrear a intensa paixão que os consumia, Tristão e Isolda fizeram de tudo para esconder o romance impossível que estavam vivendo. Apesar dos riscos, passaram a se encontrar diariamente às escondidas, tomando as devidas precauções para não serem flagrados juntos.

– Tenho a lhe revelar que seu sobrinho Tristão está tendo um caso amoroso com sua esposa, meu rei – disse um dos conselheiros.

– Isso é invenção. Tristão é meu sobrinho, portanto, fiel a mim. Ele jamais faria isso comigo – retrucou o rei.

E quando descobriu que as palavras do conselheiro eram verdadeiras, o amor do rei Mark pelo sobrinho era tão grande que se limitou tão somente a exilá-lo, pois ali não poderia continuar.

Desolado e infeliz por perder Isolda de uma vez por todas, Tristão seguiu para a Bretanha e ali se dedicou por inteiro à arte da cavalaria, tornando-se um dos mais bravos guerreiros da corte do rei Arthur.

Certa feita, preocupado com a solidão de seu bravo cavaleiro, o rei Arthur arranja-lhe como noiva uma bela mulher, também de nome Isolda, a de Mãos Brancas. Sabendo que nunca teria a mulher desejada, Tristão resolve se casar. Talvez, quem sabe pudesse esquecer Isolda, a Loura.

Após uma dura batalha, Tristão é ferido por uma espada envenenada e adoece gravemente. Sabendo que seus dias estão contados, ele pede ao fiel escudeiro que vá à Cornualha e obtenha de seu tio a autorização para deixar Isolda vê-lo uma última vez.

– Leve duas velas no navio. Uma branca e outra negra. Se você conseguir retornar com Isolda, iça a vela branca, do contrário, iça a vela negra.

A esposa de Tristão, Isolda, a de Mãos Brancas, ouviu tudo atrás da porta e, tomada de ciúmes, logo pensou em um plano para que o marido não revisse sua rival.

Em um dia ensolarado, Tristão reúne o que resta de suas forças e vai até a janela de seu quarto, na esperança de ver o navio que trará sua amada.

– Estou avistando um navio – disse ele à esposa.

Isolda, a de Mãos Brancas, se aproxima e diz:

– Tens razão, meu amor. É um navio.

Enfraquecido, Tristão volta a se deitar e pergunta:

– Qual a cor da vela?

– Negra – mentiu ela, vendo que a vela içada era branca.

– Então, ela não veio me ver – balbuciou ele.

Tristão empalideceu de repente e, sentindo fugir toda a esperança, desmaiou. Tomado por uma súbita e incontrolável febre, ele faleceu minutos depois.

Quando a princesa Isolda, a Loura, finalmente conseguiu alcançar os aposentos de Tristão, ela encontra o amado já sem vida. Correndo para seu leito, ela toma suas mãos geladas por entre as suas e chora copiosamente. Tomada de infinita tristeza, ela beija seus lábios pela última vez.

Mas não demora a que o veneno que consumira Tristão venha a fazer efeito em Isolda, a Loura, que morre deitada em seu leito, ao lado do homem que sempre amou.

Tristão e Isolda foram enterrados lado a lado, e sobre a tumba de cada um nasceram dois frondosos arbustos, cujos galhos ficam entrelaçados, como se fossem um só.

O amor nunca vivido em vida, fora vivido na morte.